

Por que ainda trabalhamos tanto? Reflexões sobre uma sociedade automatizada

Nicholas Kluge Corrêa¹

¹ Mestre em Engenharia Elétrica e Doutorando em Filosofia (PUCRS)

nicholas.correa@acad.pucrs.br, ORCID: 0000-0002-5633-6094

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil. Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS, 90619-900.

Resumo

A mais de um século que o fenômeno da automatização dos meios de trabalho vem criando grande apreensão entre nós. Afinal, seríamos todos substituídos por máquinas em algum futuro próximo? Seriam todas as formas de trabalho automatizáveis? Tais questionamentos vêm levantando uma série de críticas pela comunidade engajada em ética de máquina e ética da inteligência artificial. Contudo, gostaria de nesta breve resenha, atacar este problema por outro ângulo, afinal, podemos criticar tal fenômeno de uma ampla variedade de pontos de vista. Gostaria de convidar o leitor a avaliar pela seguinte perspectiva: e se a automação dos meios de trabalho for algo benéfico? E se a emancipação humana realmente venha através de nosso desenvolvimento tecnológico? Se a resposta for sim, por quê que ainda trabalhamos tanto? Acredito que se os processos de automação forem aplicados a pontos chave de nossa estrutura social, podemos vir a emancipar o indivíduo de uma realidade onde realmente trabalhamos por motivo nenhum, inutilmente. Se abandonarmos a cultura do consumismo, a cultura que atrela o trabalho e o consumo a moralidade, uma alternativa mais próspera seria adotarmos a cultura que abraça o valor da autonomia e liberdade do indivíduo humano.

Palavras chave: Desemprego tecnológico, Renda Básica Universal, Universal Basic Income, Trabalhos inúteis.

¿Por qué seguimos trabajando tan duro? Reflexiones sobre una sociedad automatizada

Resumen

Durante más de un siglo el fenómeno de la automatización de los medios de trabajo ha creado una gran aprensión entre nosotros. Después de todo, ¿seremos todos reemplazados por máquinas en un futuro próximo? ¿Serían todas las formas de trabajo automatizables? Estas cuestiones han suscitado una serie de críticas por parte de la comunidad que se dedica a la ética de las máquinas y la ética de la inteligencia artificial. Sin embargo, en esta breve reseña, me gustaría atacar este problema desde otro ángulo, después de todo, podemos criticar este fenómeno desde una amplia variedad de puntos de vista. Me gustaría invitar al lector a evaluar desde la siguiente perspectiva: ¿qué pasa si la automatización de los métodos de trabajo es algo beneficioso? ¿Y si la emancipación humana realmente viene a través de nuestro desarrollo tecnológico? Si la respuesta es sí, ¿por qué seguimos trabajando tan duro? Creo que si los procesos de automatización se aplican a puntos clave de nuestra estructura social, podemos llegar a emancipar al individuo de una realidad en la que

realmente trabajamos sin razón, inútilmente. Si abandonamos la cultura del consumismo, la cultura que vincula el trabajo y el consumo con la moral, una alternativa más próspera sería adoptar la cultura que abarca el valor de la autonomía y la libertad del individuo humano.

Palabras clave: Desempleo Tecnológico, Ingreso Básico Universal, Universal Basic Income, Trabajo Inútil.

Introdução: Automação, Desemprego Tecnológico e UBI's

A automação de processos que antes eram realizados por indivíduos humanos tem sido uma das principais fontes de desemprego tecnológico nos últimos dois séculos (PETERS, 2017). Muitos empregos e formas de ocupação não duraram mais de um século em nossa sociedade, tais como telefonistas, datilógrafos, acendedores de postes públicos, coletores de solo noturno, operadores de elevadores, cortadores de gelo, queimadores de fornos e muitas outras ocupações laborais. Atualmente, com uso de inteligência artificial (IA) e outras técnicas de automação empresas podem reduzir drasticamente sua necessidade de mão-de-obra humana de modo a diminuir seus custos. Entretanto, a adoção desta política de gestão tem duas consequências óbvias:

- i. Acúmulo de riqueza para as empresas orientadas ao desenvolvimento da IA;
- ii. Uma população desempregada substituída por sistemas autônomos inteligentes se encontraria sem qualquer fonte de renda.

Esta realidade é melhor resumida por Erik Brynjolfsson¹ na seguinte citação: “*É um dos segredos sujos da economia: o progresso tecnológico faz crescer a economia e cria riqueza, mas não há nenhuma lei econômica que diga que todos serão beneficiados*”. Uma pesquisa realizada por Frey e Osborne (2013) estimou a probabilidade da automação para 702 ocupações nos EUA. O resultado mostrou uma estimativa de que 47% dessas ocupações serão eliminadas pela tecnologia durante os próximos 20 anos, e tais resultados podem ser generalizados para outros países, com percentuais maiores ou menores, dependendo do nível de desenvolvimento do país em questão.

Assim, como podemos combater o desemprego tecnológico? Como podemos mitigar o aumento da desigualdade da riqueza gerada pela indústria tecnológica e automação dos meios de produção? Como podemos distribuir os novos bens e serviços gerados por esta

¹ Entrevista por Rotman, D. (2013). How technology is destroying jobs. [online] MIT Technology Review, June 12, 2013. Disponível em: <https://www.technologyreview.com/2013/06/12/178008/how-technology-is-destroying-jobs/> <Acessado em 04/11/2020>

economia sustentada pela automação inteligente? Uma solução para este problema seria a instituição de UBIs (Universal Basic Income) (RUSSELL; DEWEY; TEGMARK, 2015). Também conhecida como Renda básica universal, UBI's tratam-se de um programa público teórico de pagamento periódico a todos os cidadãos de uma determinada população sem demandas como prova de renda mínima ou exigência de trabalho. Duas das críticas mais comumente levantadas contra a instituição de UBI's são²:

- 1) dar dinheiro às pessoas fará com que trabalhem menos, o que as *privará do sentido que o trabalho proporciona na vida*;

e,

- 2) fornecer um nível de renda razoável para todos é *impossível*.

Contudo, seriam tais críticas realmente justificáveis? Nesta resenha gostaria de propor uma *crítica às críticas* levantadas acima, e argumentar que a automação dos meios de produção não deveria estar causando o paradoxal efeito que temos experienciado em nossa sociedade moderna.

Por que estamos trabalhando tanto?

Podemos criticar a automatização dos meios de produção e trabalho de um ponto de vista totalmente antagônico ao que geralmente é feito, e assim, chegar a conclusões e questionamentos totalmente diferentes. Imaginemos que a automatização dos meios de produção e trabalho seja algo positivo, como tal processo já vêm ocorrendo a pelo menos mais de um século, quais os benefícios que deveríamos estar vivenciando em plena modernidade? E se não estamos os vivenciando, porquê isto está ocorrendo?

O economista Britânico John Maynard Keynes (1930), em seu trabalho intitulado “*Economic Possibilities for our Grandchildren*”, buscou responder a pergunta: O que podemos razoavelmente esperar de nossa vida econômica daqui a cem anos? Assim, quais as possibilidades que, em princípio (já se passaram 90 anos), deveríamos estar experienciando atualmente. Keynes justificou sua previsão com base no contínuo aumento da eficiência dos meios de produção, muito dado pela sua automação. Keynes inclusive

² Vox. The 2 most popular critiques of basic income are both wrong. 27 de Julho de 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2017/7/20/15821560/basic-income-critiques-cost-work-negative-income-tax> <Acessado em 04/11/2020>

considerava o fenômeno de desemprego tecnológico com uma fase transitória, e algo inerentemente positivo, em suas palavras:

Estamos sendo afligidos por uma nova doença da qual alguns leitores podem ainda não ter ouvido o nome, mas da qual ouvirão muito nos próximos anos - a doença é o desemprego tecnológico. Isto significa desemprego devido a nossa descoberta de meios de economizar o uso de mão-de-obra ultrapassando o ritmo no qual podemos encontrar novos usos para a mão-de-obra. *Mas esta é apenas uma fase temporária de desajuste. Tudo isso significa, a longo prazo, que a humanidade está resolvendo seu problema econômico.* Eu prevejo que o padrão de vida nos países progressistas cem anos depois, será entre quatro e oito vezes maior do que é agora (KEYNES, 1930, pp. 359-360).

O que deveríamos estar vivendo atualmente, de acordo com Keynes, é a “*era do lazer e da abundância sem pavor*”. Contudo, Keynes não desconsiderava o valor que atribuímos ao trabalho, algo intimamente ligado ao sentido que damos às nossas próprias vidas, o economista apenas promovia a ideia de que não precisaríamos mais trabalhar tanto! A espécie humana talvez esteja longe de saber como apreciar a total liberdade e lazer, e Keynes era ciente disso:

Por muitas eras, o velho Adão será tão forte em nós que todos precisarão trabalhar se quisermos nos manter conectados. Faremos mais coisas por nós mesmos do que é habitual para os ricos de hoje, feliz demais por ter pequenas tarefas e rotinas. Mas, além disso, tentaremos espalhar a manteiga sobre o pão fino para fazer o trabalho que ainda há para ser feito, tão amplamente compartilhado quanto possível. Turnos de três horas ou uma semana de quinze horas podem adiar o problema por um bom tempo. Com três horas por dia será suficiente para satisfazer o velho Adão na maioria de nós (KEYNES, 1930, p. 361)!

O quão otimista, não? Não no sentido em que nós podemos aprender a nos realizar com uma carga de trabalho de 15 horas por semana, mas que em cem anos estaríamos trabalhando neste regime! Afinal, o que aconteceu? Em minha opinião caro leitor, nós tivemos uma opção. Ou, aumentamos o tempo livre dos indivíduos, garantindo ainda a mesma quantidade, ou até a mais, de honorários pelo trabalho cumprido e auxiliado pela automação (máquinas não precisam ser pagas), ou, empregar uma estratégia de produção em massa, produzir mais do que jamais produzimos antes, a fim de sustentar um mercado capitalista e a sociedade do consumo. Obviamente escolhemos o segundo. Afinal, temos 12 tipos diferentes de Iphones, e incontáveis tipos de capas para Iphones, e ainda trabalhamos

de 5-6 dias por semana, 8 horas por dia, 44 horas por semana³. Isto se formos afortunados é claro, (micro)empresários, a nova casta do proletariado, geralmente trabalham 52 horas por semana⁴. Ou seja, o regime de trabalho de 8 horas por dia, cinco dias por semana, o modelo industrial clássico do início dos anos 90, não foi superado, mas nós conseguimos piorar a situação da classe proletária.

Outro questionamento seria: certas profissões como: motoristas, entregadores, professoras, enfermeiras, cuidadores, trabalhos que realmente produzem valor para a sociedade estão sendo automatizados. Quando digo “Valor”, quero dizer processos laborais que promovem e possibilitam o florescimento humano dentro do contexto social. Afinal, alguém *precisa* transportar as pessoas, trabalhadores, estudantes, a população em geral precisa de mobilidade, e existe sim uma dignidade em tal labor. Ao mesmo tempo, alguém *precisa* transportar nossos bens, alimentos devem ser transportados do campo as cidades, remédios devem ser entregues aos enfermos, comida deve chegar ao lar das pessoas, existe valor e necessidade nesta forma de trabalho. Alguém *precisa* guiar o construção do pensamento crítico e prático dos indivíduos, e assim, buscar o desenvolvimento do potencial humano para auxiliar o desenvolvimento de nossa sociedade. Enfermeiras, cuidadores, psicólogos, coletores e recicladores de lixo, empregadas domésticas, auxiliares de limpeza, enfim, a lista é extensa, e o valor de cada uma dessas profissões é incomensurável. Inúmeros trabalhos que promovem verdadeiro valor e contribuição a sociedade estão sendo o alvo da automatização, por quê? Por quê não nos livramos dos trabalhos que não agregam valor nenhum ao indivíduo? Por quê não nos livrar dos trabalhos que ninguém quer fazer?

Isso nos trás a outro ponto, nas palavras do antropologista e anarco-ativista David Graeber (1961 - 2020), o fenômeno dos “*Bullshit Jobs*”, que irei me referenciar, por motivos óbvios, como trabalhos BS. Para Graeber, nossa sociedade, em termos tecnológicos, seria apta a proporcionar este regime de trabalho reduzido, contudo, o que vêm acontecendo nos últimos anos é o oposto. A tecnologia têm nos feito trabalhar mais, nas palavras de Graeber (2013):

Para conseguir isto, foi necessário criar empregos que são, efetivamente, inúteis. Enormes grupos de pessoas, na Europa e na América do Norte em particular, passam toda a sua vida profissional realizando tarefas que

³ Disponível em: http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/jornada_computo_horas.htm <Acessado em 04/11/2020>

⁴ Disponível em: <https://realbusiness.co.uk/entrepreneurs-work-63-longer-than-average-workers/> <Acessado em 04/11/2020>

acreditam secretamente que não precisam ser realizadas. O dano moral e espiritual que advém desta situação é profundo. É uma cicatriz em nossa alma coletiva. No entanto, praticamente ninguém fala sobre isso.

O que vêm ocorrendo, desde o início do século XX, é que o número de trabalhadores empregados pelo setor agrícola e pela indústria vêm diminuindo. Mas, curiosamente, não estamos comendo menos nem comprando menos. Contudo, neste último século houve um grande aumento em trabalhos gerenciais, administrativos, comerciais e no ramo de serviços. Ou seja, empregos que realmente produzem algo foram automatizados, enquanto uma indústria inteira baseada em trabalhos administrativos, financeiros, analistas de mercado, relações públicas, marketing, recursos humanos, advogados corporativos, e etc, surgiu e se expandiu massivamente. Lembrando que citamos apenas trabalhos do setor privado, se estendermos a crítica aos trabalhos do setor público, como, por exemplo, Deputados com seus 25 à 50 assessores, a lista se tornará muito, *muito*, maior. E ao mesmo tempo, novos trabalhos foram gerados, zeladores, seguranças, delivery 24h, auxiliares de limpeza para espaços de coworking, trabalhos que realmente produzem algo, servindo a aqueles que de fato não produzem nada. Graeber nos disponibiliza esta analogia, que além de cômica, ilustra bem conceito de trabalhos BS:

Uma vez, ao contemplar o crescimento aparentemente interminável das responsabilidades administrativas nos departamentos acadêmicos britânicos, tive uma possível visão do inferno. O inferno é uma coleção de indivíduos que passam a maior parte de seu tempo trabalhando em uma tarefa da qual não gostam e na qual não são especialmente bons. Digamos que eles foram contratados porque eram excelentes marceneiros e depois descobrem que se espera que passem grande parte de seu tempo fritando peixe. Nem a tarefa realmente precisa ser feita - pelo menos, há apenas um número muito limitado de peixes que precisam ser fritos. No entanto, de alguma forma, todos eles ficam tão obcecados com o ressentimento ao pensar que alguns de seus colegas de trabalho podem estar passando mais tempo fazendo armários, e não fazendo sua parte justa das responsabilidades de fritar o peixe, que em pouco tempo há pilhas intermináveis de peixes mal cozidos empilhados por toda a oficina e é tudo o que alguém realmente faz. Acho que esta é realmente uma descrição bastante precisa da dinâmica moral de nossa própria economia (GRAEBER, 2013).

Mas é claro que não existe uma maneira objetiva de dizer quais trabalhos são BS e quais não são, quais possuem valor social, e quais não, o próprio Graeber admite isto. O ponto não é dizermos quais pessoas estão fazendo um trabalho socialmente valiosos ou não, isto é subjetivo, e um empurrador de papel administrativo pode muito bem se sentir realizado e produtivo em sua tarefa sísifca. Mas o que fazer com aqueles que admitem não encontrar

significado, ou utilidade nenhuma, e seus trabalhos? Graeber, em 2018 publicou seu livro “*Bullshit Jobs: A Theory*”, um coletânea feita com centenas de depoimentos de pessoas que auto-proclamam que seus empregos não tem sentido (GRAEBER, 2018). Assim podemos definir um *verdadeiro* trabalho BS como:

[...] uma forma de emprego remunerado que é tão completamente inútil, desnecessária, ou perniciosa, que o próprio empregado não pode justificar sua existência, mesmo que, como parte das condições de emprego, o empregado sinta-se obrigado a fingir que não é esse o caso (Heller, 2018).

Em seu livro, Graeber argumenta que mais da metade dos trabalho da nossa sociedade moderna, somando o setor público com o privado, são trabalhos BS, ou seja, inúteis. Graeber os descreve em cinco grandes categorias:

- 1) *Flunkies*: trabalhos que apenas existem por questões de status, e. g., qualquer editora que se preze (mesmo que não esteja publicando nada), deve ter uma secretária para atender as ligações que possivelmente nunca virão. Tais funções existem também para que os superiores se sintam importantes, como secretários, recepcionistas, atendentes de porta, assistente financeiro, assistente administrativo, etc;
- 2) *Goons*: trabalhos que só existem porque outras empresas também empregam tais pessoas. Por exemplo, se nenhuma empresa utiliza-se de telemarketing, nenhuma outra empresa também utilizaria. Sua existência é apenas justificada de forma circular (A faz telemarketing por que B faz telemarketing, e vice-versa). Outros exemplos citados são lobistas, advogados corporativos e especialistas em relações públicas;
- 3) *Duct Tapers*: trabalhos que envolvem consertar temporariamente problemas que poderiam ser consertados definitivamente. Como assistentes de TI que consertam problemas que poderiam ser resolvidos com uma simples atualização de software ou hardware, ou atendentes de agências aéreas responsáveis por lidar com passageiros cuja as malas foram extraviadas;
- 4) *Box Tickers*: trabalhos de “faz de conta”, com o fim de criar uma aparência de que algo está sendo feito, quando na verdade não se está. Como analistas e pesquisadores de satisfação interna de empresas privadas, jornalistas de revistas corporativas ou Coaches corporativos;

- 5) *Taskmasters*: Gerentes, ou seja, aqueles que monitoram o trabalho de profissionais que não precisam ser monitorados. Ou pior, criam trabalho extra, sem sentido, para os seus subordinados, como praticamente todo tipo de gerência de nível médio e profissionais de liderança.

Seriam estes os tipos de tarefas que dão “*valor e sentido*” à vida humana? Eu acredito que não. Que as máquinas façam isso, e que nós possamos fazer o que nós quisermos. Que preguemos a moralidade na liberdade e na autonomia, e não a moralidade do trabalho e do consumo.

Considerações Finais: Sentido no trabalho? Sentido na Autonomia!

Respondendo às críticas levantadas contra a instituição de UBI's, em primeiro:

- 1) “*remover o trabalho irá tirar o sentido da vida dos indivíduos*”.

A maior parte das pessoas, dependendo do seu trabalho, já não vê sentido algum em fazê-lo. Se tais trabalhos “realmente” não precisam ser feitos, não poderíamos simplesmente pagar tais pessoas para elas fazerem o que quiserem, e remover a obrigação do trabalho? Uma previsão real de tais consequências, caso a sugestão acima fosse implementada, está além da análise crítica desta resenha. Agora, respondendo a segunda crítica:

- 2) “*fornecer um nível de renda razoável para todos é impossível*”.

Se removermos todos os trabalhos BS da nossa sociedade, e usarmos todo o dinheiro que é utilizado para manter essa indústria inútil, não teríamos dinheiro para instituir UBI's para todos, ou, pelo menos, para uma grande parcela da população? Trabalhadores não seriam mais felizes se, por exemplo, ao invés de passar horas fazendo nada, com sentido nenhum (geralmente utilizando ociosamente redes sociais) pudessem perseguir suas paixões? Começar um projeto musical, escrever um livro, aprender uma nova profissão, estudar, se tornar um artista ou produtor de conteúdo digital. Enfim, qualquer coisa que o indivíduo livre queira. Acredito que este parece ser um futuro automatizado que se valhe a pena viver, onde a automação não substitui o indivíduo humano daquilo que dá valor e sentido a nossas vidas, mas automatiza e livra o indivíduo daquilo que o impede de encontrar valor e significado em sua vida.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da Fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) pelo apoio financeiro, e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Por fim, dedico esta resenha ao recentemente falecido antropólogo e ativista anarquista David Graeber (1961-2020), STRIKE!

Referências

FREY, C.; OSBORNE, M. The Future of Employment: How Susceptible Are Jobs to Computerisation? Technical Report, Oxford Martin School, University of Oxford, Oxford, UK, 2013. Disponível em: <https://www.oxfordmartin.ox.ac.uk/downloads/academic/future-of-employment.pdf> <Acessado em 04/11/2020>

GRAEBER, D. *Bullshit Jobs: A Theory*. Simon and Schuster, 2018.

GRAEBER, D. On the Phenomenon of Bullshit Jobs. *Strike magazine*, Issue 3, 2013. Disponível em: <https://www.strike.coop/bullshit-jobs/> <Acessado em 04/11/2020>

KEYNES, J. M. *Economic Possibilities for our Grandchildren*. In *Essays in Persuasion* (New York: Harcourt Brace, 1932), 358-373, 1930. Disponível em: https://assets.aspeninstitute.org/content/uploads/files/content/upload/Intro_and_Section_I.pdf <Acessado em 04/11/2020>

PETERS, M. A. Technological unemployment: Educating for the fourth industrial revolution. *Educational Philosophy and Theory*, 49(1), 1–6, 2017. doi:10.1080/00131857.2016.1177412

RUSSELL, S.; DEWEY, D.; TEGMARK, M. An Open Letter: Research Priorities for Robust and Beneficial Artificial Intelligence. Open Letter. Signed by 8,600 people, 2015. Disponível em: https://futureoflife.org/data/documents/research_priorities.pdf <Acessado em 04/11/2020>